

Ano 4, Nº 03 – MARÇO 2000  
 Assinatura até Dezembro, 2000: 9 selos de R\$ 0,22  
 Este número ou anteriores: 3 selos de R\$ 0,22

Inspirado na bonança,  
 de pensamentos diversos,  
 o poeta é uma criança  
 brincando de fazer versos.  
 Adolfo Macedo, BI UBT Magé, 07.99

Nós precisamos sorrir,  
 mesmo sendo vergastados,  
 pois ninguém leva, ao partir,  
 os patrimônios roubados.  
 Swami Vivekananda, em Estro 63

Um abajur sobre a mesa,  
 na velha jarra uma flor;  
 um "Tango para Teresa",  
 saudades de um velho amor.  
 Dalmir Pena, em Anexo BI UBT 11.99

Ai, meu Brasil, quem me dera  
 eu partir de Portugal  
 numa linda caravela  
 bem ao lado de Cabral!...  
 Manoel Fernandes Menendez

Quem vive ofensas perdoando  
 e por amor tudo faz,  
 vai sempre em punho levando  
 uma bandeira de paz!  
 Analice Feitosa de Lima, em Fama! 08.99

Se a família é rica ou pobre  
 e se o lar é acolhedor,  
 a gente sempre descobre  
 pela grandeza do amor!  
 Theresinha D. Delella, O Dançante, 08.00

Sete anos de pastor Jacó servia  
 Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
 mas não servia ao pai, servia a ela,  
 que a ela só por prêmio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia,  
 passava, contentando-se com vê-la;  
 porém o pai, usando de cautela,  
 em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
 assim lhe era negada a sua pastora  
 como se a não tivera merecida,

começou a servir outros sete anos,  
 dizendo: "Mais sevirá, se não fora  
 para tão longo amor tão curta a vida!"

*Luis Vaz de Camões (1517, 1524 ou 1525/1580);  
 em Grandes Sonetos da Nossa Língua, 1988,  
 de José Lino Grinewald*

Cavaleiro da mística aventura,  
 herói cristão! Nas provações atroz  
 sonhas, casando a tua voz às vozes  
 dos ventos e dos rios na espessura:

entrando as brenhas, teu amor procura  
 os índios, ora filhos, ora algozes,  
 aves pela inocência, e onças ferozes  
 pela bruteza, na floresta escura.

Semeador de esperanças e quimeras,  
 bandeirante de *entradas* mais suaves.  
 Nos espinhos a carne dilaceras:

e, por que as almas e os sertões desbraves,  
 cantas: Orfeu humanizando as feras,  
 São Francisco de Assis pregando às aves...

*Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (1865/1918),  
 Anchieta; em O Bem-Aventurado José de Anchieta, S.J.,  
 1996, de Dagmar Aderaldo Chaves.*

Na praia de Ibatiba. A última luz do dia  
 acende faiscas de ouro na maré cheia.  
 Há, negreando ao longe, uma sombra erradia:  
 é Anchieta, solitário, escrevendo na areia.

Místico – feito santo em louvor de Maria,  
 humilde – em seu amor pela desgraça alheia,  
 herói – plantando a cruz pela terra bravía,  
 transfigurado poeta, Anchieta sonha e creia.

Vem do ritmo do oceano o ritmo dos seus versos.  
 Sobre eles, a água, abrindo o véu da espumada,  
 simboliza a renúncia em quem morrem imersos.

E, arrancados ao mar, que lhes serve de lira,  
 os seus poemas, depois de desfeitos em nada,  
 sobem, como orações, à Virgem que os inspira.

*Francisco de Paulo Gonçalves (1897/1927), O Maior Poeta;  
 em O Bem-Aventurado José de Anchieta, S.J., 1996,  
 de Dagmar Aderaldo Chaves.*

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez				
Podemos chamar de <b>trevo</b> todos os <i>tercetos independentes</i> : ↔↔↔↔↔↔↔↔↔↔	Trevo <b>senryu</b> :	Trevo <b>haikai senryu</b> ou trevo <b>haikai</b> personagem:	Trevo <b>haikai</b> subentendido ou trevo <b>haikai</b> sem sação:	Trevo <b>haikai</b> sazonal:
O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.	Grávida a mulher solteira. Matará o filho ou o preconceito? Lyad de Almeida	Cheia, e alegre, como um balãozinho inflado, a mocinha grávida. Lyad de Almeida *	Vigília teimosa. Espinhos negros definham, aguardando rosas. C. A. Catta Preta, Roseira Morta; SF 06.98	Kigos: Rosa (verão) Borboleta (primavera)
O trevo <b>senryu</b> é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.	Se o homem é pó esses que andam pelo chão são, na certa, homens. Octavio Paz, Aparição; SF 10.98	Teu vulto distante. Sorriso. Aceno indeciso. Nosso eterno instante. Waldomiro Siqueira Júnior; SF 04.99	Hora transparente: vemos, do invisível pássaro a cor do seu canto. Octavio Paz, Pleno; SF 06.98	Desfolha-se a rosa. Parece até que floresce o chão cor-de-rosa. Guilherme de Almeida, Caridade *
O trevo <b>haikai</b> , é sempre "aqui e agora" – não conceitual.	O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!			
Assim, temos:	Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!			
O trevo <b>haikai</b> é sempre "aqui e agora" – não conceitual.	O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!			
Assim, temos:	Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!			
trevo <b>haikai</b> personagem ou trevo <b>haikai senryu</b> ( <i>não filosófico</i> ),				
trevo <b>haikai</b> subentendido ( <i>aborda a natureza sem situar a estação</i> );				
trevo <b>haikai sazonal, poesia pura</b> – ( <i>o kigo, palavra da sação, define-a</i> ).				

É o morro que desce,  
 é o samba que cresce,  
 é o pé no asfalto,  
 é o pandeiro no alto,  
 é o gingar da mulata,  
 é a baiana de prata,  
 é a porta-estandarte,  
 é o povo, é a arte,  
 é o seu mestre-sala,  
 é a frente, é a ala,  
 é a alegoria,  
 é o som da bateria,  
 é o ronco da cuíca,  
 é o destaque que fica,  
 é o negro, é o artista,  
 é o branco, é o turista,  
 é o canto sem medo,  
 é o samba de enredo,  
 é o tema histórico,  
 é o fato folclórico,  
 é o tom picaresco,  
 é o carnavalesco,  
 é a melhor fantasia,  
 é a grande alegria,  
 é o sangue, é a raça,  
 é o suor, é a cachaaça,  
 é o que é e não é,  
 carnaval, evôê

Albertina Moreira Pedro,  
 O Carnaval:  
 de Rio que não tem Plural, 1986

As Menores Poesias do Mundo ao Seu Alcance, Edição 06.96\* e SF 11.97, trecho revisto.

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*.

**DIVISÃO DOS TREVOS**

**QUANTO A MÉTRICA**

Puro regular – contém igual quantidade de sílabas poéticas em cada verso.  
 Puro exemplar – contém 5-7-5 sílabas poéticas.  
 Caminhada distinto – contém 17 sílabas *gramaticais*. Pássaro foge de volta à gaiola arredondado. (Gustavo Alberto Corrêa Pinto)  
 Caminhada imediato – contém, do puro exemplar, uma só sílaba poética a mais ou a menos ou que a compensa.  
 Livre acanhado ou curto – falta-lhe duas ou mais sílabas poéticas mesmo como resultado de compensação entre versos.  
 Livre longo ou prolixo – sobra-lhe duas ou mais sílabas poéticas, mesmo como resultado de compensação entre versos.

Nos casos de ditongos crescentes, etc., a contagem se fará sempre do modo que mais se aproxime dos 5-7-5.

**QUANTO AO CONTEÚDO**

Trevo senryu (criado por Karai Senryu, 1718/1790) – epigramático, filosófico, conceitual, etc.  
 Quando alguém deseja expor devoção filial os pais já se foram. (Shiki) \* SF 11.97 e SF 08.99

Trevo Haicais – sempre feitos no instante *do próprio* poeta (todo trevo haikai surge e é narrado no momento da ocorrência):

Trevo haikai senryu ou trevo haikai personagem – não filosófico (ação de sujeito).  
 Vou-me embora e tu ficas. Dois outonos. (Buson) \*  
 Este caminho já ninguém o percorre a não ser o crepúsculo. (Bashô) \*

Trevo haikai subentendido ou trevo haikai sem sação – aborda a natureza, sem definir a sação.  
 Chuva. Meu guarda-chuva recua. (Shisei-jo)

Trevo haikai sazonal – poesia pura, contém kigo (palavra da sação).  
**Nota:** cada estação do ano tem o próprio caráter, do ponto de vista da sensibilidade do poeta.

Exemplos: Primavera (alegria), Verão (vivacidade), Outono (melancolia), Inverno (tranquilidade).  
 A sala está perfeita, a brisa está perfeita e ele ainda pôe defeito. (Issa) \*  
 Campânulas. Minha cabana ganhou um novo telhado! (Issa) \*  
 O mar violento: sobre a ilha de Sado a Via-láctea. (Bashô) \*  
 Uma aldeia pobre ao pé da serra de inverno. Mina antiga de ouro. (Goga) \*

**QUANTO À RIMA**

**TREVO BRANCO** – não rimados.  
 Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças. (Carlos Drummond de Andrade) \* SF 04.99  
 Navegamos pelo céu... Se ele for finito, que dirá eu? (MFM) \* SF 11.98  
 Stop. A vida parou. Ou foi o automóvel? (Carlos Drummond de Andrade) \*

**TREVO RIMADO** – diz-se Guilhermiano ou Guilhermino o trevo cujos versos de 5 sílabas rimam entre si e, o de 7 sílabas, rima a 2ª sílaba com a 7ª.  
 O haikai verdadeiro: perfume que em si resume um rosal inteiro. (Primo Vieira) \*  
 – Garçon, mais uma dose coração doendo de amor e artiosclerose. (Paulo Leminski) \*  
 Saudades desfaldadas nunca esqueço de vocês em minhas orações subordinadas. (Paulo Leminski) \*  
 Homem apático infinitamente pequeno, homeopático. (Walmir Cedotti) \*  
 Ó glória de mandar, ô vã coíça dessa vaidade a quem chamamos fama, nomes com quem se o povo néscio engana (Camões)

*Adispos* de tanto amor,  
 de tanto beijo gostoso,  
 de tanto cheiro cheiroso,  
 nós *brigamos*...  
 E foi uma briga total.  
 Eu *dixe*: – Acabou-se...  
 Ele *dixe*: – Acabou-se-te.  
 E nós dois *figemos* mudo  
 sem vontade de falar.

Cada um fez sua trouxa  
 e na hora da partida  
 nem se *oiemos*.  
 Mas nós *xingemos*, sim,  
 como se pode xingar:  
 – Barba de cururú,  
 mandinga de sapo seco,  
 tu vai *prú* Norte, eu vou *prú* Sul  
 e juo por Deus do Céu  
 nunca mais quero *ti* ver,  
 nem pintado de carvão  
 lá no fundo do *quintá*;  
 mas se contigo sonhar  
 acordo, faço três cruzeiros.  
 O Brasil é muito grande,  
 dá bem pra nós separar.

Passou-se tanto do tempo,  
 que nem é bom recordar...  
 Um dia nós se *encontremo*,  
 ninguém tentou disfarçar.  
 Eu parti pra *riba* dele  
 com o fogo aceso no *oiá*  
 e ele... ah! ele me deu um arrocho!  
 que se eu não fosse de carne e osso,  
 estava em dois pedaços.

Foi tanto do beijo gostoso,  
 foi tanto do cheiro cheiroso!...  
*Entonsi* nós se *alembremo*,  
 que o Brasil é tão pequeno!  
 Não dá pra nós separar...  
 24.07.75, Em Ceará Rindo... de Plautus Cunha

1. Conservarás o meio ambiente.
2. Não superpovoarás a Terra.
3. Não explorarás teu vizinho.
4. Não praticarás limpeza étnica.
5. Não usarás bombas como método de persuasão política.
6. Não esquecerás os crimes contra a humanidade do século 20.
7. Não te dedicarás a teu país,

- 1899 – Ó, abre alas que eu quero passar!
- 1946 – An... da, Luzia, apronta tua fantasia, alegre o teu olhar profundo, que a vida dura só um dia, Luzia e não se leva nada deste mundo.
- 1948 – Quero ver no ronca, ronca da cuíca, gente pobre, gente rica, deputado, senador...
- 1948 – Ai, mulata, cor de canela, salve, salve, salve, salve ela!
- 1949 – Chegou o general da banda, e á! Mourão, mourão, oi cutuca por baixo que ele cai (obá!)
- 1950 – Meu brotinho por favor não cresça, por favor, não cresça, já é grande o cipoal!
- 1955 – Ninguém agüenta mais, eu vou mandar parar: vai todo mundo pra casa curar!
- 1959 – Ei, você aí, me dá um dinheiro aí, me dá um dinheiro aí!
- 1964 – Corta o cabelo dele, corta o cabelo dele! Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é, será que ele é?
- 1969 – Bandeira branca, amor, não posso mais, pela saudade que me invade eu peço paz.
- 1970 – Noventa milhões em ação, pra frente, Brasil!
- 1971 – Venha, veja, deixa, beija, seja o que Deus quiser.

“certo ou errado”.

8. Não presumirás que o teu grupo ocupa o centro do universo.
9. Não prezarás instituições (países, empresas, partidos, igrejas, etc.) acima das pessoas.
10. Tratarás a todos como vizinhos.

Peter Burke (tradução Paulo Migliacci), em Mais! Folha de São Paulo, 26.12.99

Mandamentos carnavalescos de um para outro século (para se ler cantando, de braços abertos), Nina Horta; em Mais! Folha de São Paulo, 26.12.99

KIDAIIS DE OUTONO

Finda o carnaval. Aproxima-se a tristezia. As águas de março... Alda Corrêa M. Moreira	Passantes se extasiam. Salve a natural! Hélvécio Dursé	Abro meu caderno e o Dia da Poesia me faz relembrar... Marcelino R. de Pontes
Todo soldado - negro em mim e na noite - Estrela cadente. Carlos Roque B. de Jesus	Pulando, pulando, fugindo vai gafanhoto. Devassia já feita. Haroldo R. de Castro	Discursos resvalam nos meandros do dia-a-dia. Dia da Mulher. Maria de Jesus B. de Mello
No meio da mata um arco-íris colorido tucano no árvore. Dercy de Freitas	Pendurada na árvore a mexerica furada. Sanhaço ao redor. Héron Patricio	No pulo dum grilo mostro ao meu filhinho quem canta de noite... Mariemv Tokumu
Pétalas caindo em delicado silêncio. Dia da Mulher. Djalda Witter Santos	Menino sabido no pomar, às escondidas... Goiabas bichadas! Humberto Del Maestro	Uva bem madura! Sanhaço chega assanhado provando a doçura. Maurício F. Leonardo
Ventorala japonesa... Dia da Poesia! Edel Costa	mal pendurada na ponta da estrela cadente! João Elias dos Santos	grandes, sadias, gostosas... Voam marimbondos!... Olíria Alvarenga
Orquídeas florescem colorindo o meu jardim: arco-íris terrestre. Edmar Japiassú Maia	Declamam nas salas de aula, fufatos poetas. José N. Reis	Olhando a lagoa a paineira a se inclinar, molhando seus galhos. Salma Lasmaz Duarte
No verde da mata escondido fica o grilo. Cantor invisível. Eduardo Lopes Vieira	Pichação no muro buscando decifração... Dia da Poesia. José Walter da Fonseca	Quintal do vizinho. Pesados frutos maduros: goiabas tem bicho! Sergio de Jesus Luizato
Verdadeira orquídea de versos, ninguém con- versa - Dia da Poesia. Fernando L. A. Soares	Urgente! Minha sorte vai-se refletindo a aurora. Dia da Poesia. Larissa Lacerda Menendez	de leve oscila e, em breve não haverá nada. Sérgio Serra
Um grilo apitando, naquele estádio vazio, um jogo invisível. Fernando Vasconcelos	Por que cacarejam as galinhas no quintal? Ah! Cristas-de-galo! Luis Kohshiro Tokutake	Altar-oratório. As primeiras mexericas, releição dos mortos... Teruko Oda
Nuvem de gafanhotos! Escurece o céu do sonho do velho imigrante... Guim Ga	Galinhas bravream. O gato ousou arranharr a crista-de-galo. M. U. Moncam	Cravo solitário no canteiro do jardim. Brigou com a rosa? Yedda R. Maia Patricio

ENVIAR ATÉ TRÊS HAICAIS

Prazo 30.03.00:

Kigos à escolha: Abacate, Ala das Baianas, Louro (ave).

Prazo 30.04.00:

Kigos à escolha: Dia dos Animais, Periquito, Poncã.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focaliza-  
mos), sentimos o satori ou "consciência de si", com a mente vazia, isto é, sem  
preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma  
sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidaí, ou seja,  
haikai com tema da estação, por conter, como *assunto principal* o kigo, palavra da  
sazão. O haikai de sazão deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo,  
com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso,  
mas forma tal que o leitor não se "perca" no relacionamento de ambas as partes,  
nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutis sugestões  
que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, podendo  
pois, repeti-los; cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, com nome,  
endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do  
remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos  
respetivos kigos, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais  
desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo  
hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicista se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para  
escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicista  
selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o  
texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a  
receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais  
de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia  
10 do mês seguinte.

U M P O E M A I N A C A B A D O

Quando se lê um haikai, havendo a identificação, causa-nos uma  
sensação estranha. Pode ser a construção estética. Mais do que isso:  
aquele era o haikai que gostaria de ter escrito e penso, neste momento,  
nas possibilidades de um olhar original. Ler haikai é uma forma também  
de exercitar a minha criatividade quando interajo com o poema. Em  
suma, todo haicista, antes de compositor, é um leitor.

Não posso afirmar que haikai deve ser considerado uma poesia inaca-  
bada, como pensam alguns. Mas se for inacabado, como um fragmento  
de um olhar, a beleza é maior justamente por apresentar lacunas. O  
inverso é um poema acabado em torno de si, uma mensagem dada, um  
canto com começo, meio e fim, uma consideração moral. Este último  
tipo de poema se refere a trova e ao tanka. Bem objetivado.

S I N H Á S E C A D A

Vieram tomar o menino da Senhora. Séria, mãe,  
moça dos olhos grandes, nem sequer era formosa; o  
filho, abaixo de ano, requeria seus afagos. Não  
deviam cumprir essa ação, para o marido, homem  
forçoso. Ela procedera mal, ele estava do lado da  
honra. Chegavam pelo mandato inconcebíveis pesso-  
as diversas, pegaram em braços o inocente, a Senhora  
inda fez menção de entregar algum ter, mas a mulher  
da cara corpulenta não consentiu; depois andaram a  
fora, na satisfação da presteza, dita nenhuma desculpa  
ou palavra.

Muitos entravam na casa então, devastada de dono.  
Cuidavam escutar soluço, do qual mesmo não se  
percebendo noção. Sentada ela se sucedia, nas veras  
da alma, enfim enquanto repicada de tremor. Iam lhe  
dar água e conselhos; ela nem ouvia, inteiramente,  
por não se descrevar de assustada dor. - "Com que?"  
- clamou alguém, contra as escritas injustiças sem  
medida nem remédio. Achavam que ela devia renitir,  
igual onça invencível; queriam que aprovar o desam-  
paro comum, nem ponderar o medo do mundo, da rua  
constante e triste. Ela continha na mão a lembrança de  
criança, a chupeta seca. - "Uf!" - e a gente se fazendo  
mal, com dó, com dúvida de Deus em escuros. Do  
jeito, o fato se endereçou, começador, no certo dia.

No lugar, por conta de tudo, mães contemplavam as  
filhas, expostas ao adiante viver, como o fogo apura e  
amedronta, o que não se resume. Decidia o que,  
aquela? Tanto lhe fosse renegar e debater, ou se  
derrubar na vala da amargura. De lá, de manhã, ela  
desaparecera. Recitavam vozes: que numa prancha do  
trem-de-lastro tinham-lhe cedido viagem, para por aí  
ir vadiar, mediante algum mau amor. Sem trouxa de  
roupa, contavam que com até um pé descalço. Desde  
o que, puniam já agora as mães suas arregaladas  
filhas, por possíveis airadas levandadas mais tarde.  
Dela não se informavam; dera-lhes esquecimento.

Entanto errados. Ela apenas instricta obediente se  
movera, a variável rumo, ao que não se entende.  
Deixara de pensar, o que mesmo nem suportasse -  
hoje se sabe - ao toque de cada idéia em imagem seu  
coração era mais pequeno. O menino sempre ausente  
rodeava-a de infinidade e falta.

Tomara, em dois, três dias, o aspecto pobre demais,  
somente sem erguer nem arriar rosto: era a sã clara  
coisa extraordinária - o contrário da loucura; encos-  
tava no ventre o frio das palmas das mãos. Por isso  
com respeito a viu e ofereceu-lhe meio copo de  
cerveja e um pastel de tabuleiro a Quibia, do Curvelo,  
às vezes adivinhadora. - "Sinhá..." - sentiu que  
assim cabia chamar-lhe, ajitando-lhe o vestido e os  
cabelos, ali no rumor da estação. Tinha uma filha, a  
quem estava indo ver, opostamente, a boa preta  
Quibia. Convidou consigo a Sinhá, comprando-lhe  
passagem para aquele intato lugar, empregou-a  
também na fábrica de Marzagão. Sobre os anos, foi  
pois quem dela pôde testemunhar o verossímil.

Moraram numa daquelas miúdas casas pintadas,  
pegada uma a outra, que nem degraus da rua em  
ladeira, que a Sinhá descia e subia, às horas certas,  
devidamente, sendo a operária exemplar que houve,  
comparável às máquinas, polias e teares, ou com o  
enxuto tecido que ali se produz. Não falava, a não ser  
o preciso diário. Deixavam-na em paz, por nela não  
reparar, até os homens. Só a Quibia vigiava-lhe a  
sombra e o sono. Donde o coligido - de relato - o que  
de suas escassas frases razoáveis se deduz.

Sinhá prosseguia, servia, fechada a gestos, ladeando  
o tempo, como o que semelhava causada morte.  
Tomava-lhe a filha casada da Quibia, por emprésti-  
mos, quase todo o ordenado, já que a ninguém ela  
nada recusava, queria nada: não esperar; adiar de ser.  
A bem dizer, quase nem comia, rejeitava o gosto das  
coisas; dormia como as aves desempoleiradas. Nem

um ingrato minuto da arrancada separação poderiam  
restituir-lhe! Que é que o tempo taceia? Os dias, os  
meses, por dentro, em seu limpo espírito, se afasta-  
vam iguais.

Decerto não a prezavam, em geral, portanto; junto  
dela pareciam urgidos de cuspir e se gabar. Ora a  
suspeitassem mulher inteligente endurecida, socapa  
de perfeita humildade. De propósito não os buscando  
nem evitando, acatava contudo de um mesmo modo  
os trelosos meninos, os mais velhos comuns, os  
moços e moças, príncipes, princesas. Quibia, sim, não  
duvidou, ainda que ouvida a pergunta que a Sinhá se  
propunha: quando e que apontada ocasião, comete-  
ra culpa? E a resposta - de que, então, só se tivesse  
procedido mal, a cada instante, a vida inteira... Daí,  
quedava, estável, serena, no circuito do silêncio,  
como por vezo não se escavam buracos na barragem  
de um açude.

No filho, no havido menino, vez nenhuma falou -  
nem a Quibia de nada soube, a não ser ao pôr-lhe a  
vela na mão, mais tarde; - feito guardado em cofre.  
Seus olhos iam-se empanando encardidos, ralos os  
cabelos. Durante um tal tempo, nunca mais se olhara  
em espelho.

Derradeiramente, porém, tiveram de notar. Ela se  
esparzia, deveras dona, os olhos em espécie: de perto  
ou de longe, instruíu-os, de um arjeio, do que nem se  
sabe. Por sua arte, desconfiassem de que nos quartos  
dos doentes há momentos de importante paz; e que é  
num cantinho que se prova melhor o vivo de qualquer  
festa, entre o leal cão e o gato no borralho.

- "Se ela viesse mais à igreja, havia de ser uma  
Santa..." - censuravam. Passava espaços era acari-  
nhando pedaço de pedra, sem graça, áspera, que  
trouxera para casa; e que a Quibia precioso conser-  
vou, desde a última data. Sinhá, no mais, se esquecia  
ali, apartada, entrava no mundo pelo fundo, sem

IPÊS EM FOLHA

No Dia da Música serenata inesperada... lágrimas nos olhos... Anita Thomaz Folmann	Feito debutantes, bailam ao sopro do vento alvas açucenas... Ercy M. M. de Faria	Num raio de luz brilha a alvura da açucena, na capela escura. Suave perfume na varanda solitária... Açucena abriu.
Com beijos de orvalho nas pétalas da açucena, desperta o jardim! Elen de Novais Felix	Casa ensolarada tem que ter a porta a leste. João-de-barro sabe... Darly O. Barros	Maestro inspirado regendo melhor que nunca... - É Dia da Música! Maria Madalena Ferreira
Mamãe descansando... no vaso açucena branca perfuma o silêncio... Anita Thomaz Folmann	A luz do verão, vejo o astuto João-de-barro construindo o lar!... Hermoclydes S. Franco	No Dia da Música, alegria para o povo: concerto ao ar livre.
No altar açucena resplandecendo beleza ornamentada a igreja. Olga dos Santos Bussade	Galho cortado. João-de-barro sem teto. Lar em pedaços... Nadvy Leme Ganzert	Renata Paccola
gando o mel da açucena, voa o beija flor. Ailson C. de Oliveira	sob a brisa da manhã. Alvo despertar. Renata Paccola	apartamento de luxo: João-de-barro artista. Alba Christina
Um cantar sonoro da gaiola para o mundo... É Dia da Música... Ercy M. M. de Faria	Galho de paineira. De uma casinha de barro, João-de-barro espia. Analice Feitoza de Lima	Beija-flor faz a festa. Sobre o muro debruçadas açucenas brancas. Analice Feitoza de Lima
A casa está pronta João-de-barro arquiteto descansa da lida. Olga Amorim	Açucena-branca refrigera o beija-flor. Fino copo d'água. Lávia Lacerda Menendez	No poste da esquina, João-de-barro, com arte, ergue sua morada. Amália M. G. Bornheim
Orquestra afina instru- mentos. É Dia da Música. Cecy Tupinambá Ulhôa	Bailam açucenas encantos de primavera: - Passáres e fontes!... Hermoclydes S. Franco	a casa de João-de-barro no canto da cerca. João Batista Serra
No vale florido passarinhos e perfume festa da açucena. Alba Christina	Branca... Ave Maria... valvas lembram minha mãe no Dia da Música. Olga Amorim	No Dia da Música, sons de violino em surdina... chuvinha acompanha... Leonilda H. Justus
Pela porta, à leste... sol, visita o João-de-barro, trazendo calor. Maria R. Labruçiano	Suave perfume bailando ao sabor da brisa... - Açucena em flor! Maria Madalena Ferreira	No Dia da Música fêteis homenageiam a sua padroeira. Olga dos Santos Bussade

Se alguém quiser fazer um haikai acabado, depende da sensibilidade  
de seu autor. Não se trata mais do haikai na forma clássica, a que  
defendemos nesta coluna. Acima de tudo, o haikai é uma poesia para ser  
feita, inclusive com os riscos dos possíveis deslizos. A prática  
aprimorada com dedicação, sem a elevação dos egos exacerbados.

Francisco Handa, em Jornal Nippo-Brasil 037 de 03.02.00; Seleção Arnaldo Giancoli.

notícias nem lembranças. Sim, estas, depois.

Primeiro, um moço, estribo e bem trajado, chegou,  
subiu a ladeira, a quentes passos. Queria, caçapa, sem  
sossego, o paradeiro de sua mãe, da qual também  
malvadamente separado desde meninozinho: e conse-  
guiria indicação, contadas conversas; também o  
coração para cá intimado o puxando... Seria ela?!

Não - era não - se conferiu, por nomes e fatos. O  
moreno moço sendo de outro lugar, outra sumida  
mãe, outra idade. Só o amor dando-se o mesmo, vem  
a ser, que o atraía de vir, não por esmo.

Mas, ela, que sentada tudo recebera, calada, leve se  
levantou, caminhou para aquele, abençoando-o,  
pegou a mão do tristonho moço, real, agora assim  
mesmo um tanto conformado. Sorria, a Sinhá, como  
nunca a tinham avistado até ali, semelhava a boneca  
de brincar de algum menino enorme. Seu esquelito  
era quase belo, delicado.

Nesse favor de alegria persistiu, todos exaltando o  
forte caso. Seja que por encurtado prazo. Até ao  
amanhecer sem dia. À Quibia ela muito contou; e  
fechou, final, os novos olhos. O caixão saiu, devagar  
desceu a ladeira, beirou o ribeirão rude de espumas  
em lajedos, e em prestes cova se depositou, com  
flores, com terra que a chuvinha de abril amaciava.

Quibia, entretanto, enfim ciente, meditou, nos  
intervalos de prantos, e resolveu, com sacrifícios.  
Retornou ao Curvelo, indagou, veio enfim àquela  
arraial, onde tudo, tão remoto, principiara.

Mas - o menino? Morreu, lhe responderam. Anji-  
nho, nem chegara a andar nem falar, adoeceu logo no  
depois do desalmoso dia, dos esforços arrebatados.

Quibia releou - o passado, de repente movente,  
sem desperdícios. Se curvou, beijando ali mesmo o  
chão, e reconhecendo: - "Sinhá Sarada..."

João Guimarães Rosa (1908/1967), em O Conto  
Brasileiro Contemporâneo de Alfredo Bosi, 2a Edição, 1977